

A DEMOCRATA

ENTREVISTA

MIGUEL PINTO LUZ

**"O QUE MAIS FARÁ FALTA
A PORTUGAL É UMA ESTRATÉGIA,
UM DESÍGNIO, PARA QUE TODOS
APLIQUEMOS A NOSSA
COMPETÊNCIA E ENERGIA
NESSE ESFORÇO COLETIVO"**

Pág. 12

CÂMARA ALTA

"És liberal e não sabias"

por João Cotrim de Figueiredo

Pág. 6

SÃO CAETANO ÀS LAPAS

"Novos tempos, novos desafios"

por Teresa Patrício Gouveia

Pág. 8

LARANJA MECÂNICA

**Jantar com o Dr. Sá Carneiro
em Évora no dia 1 de dezembro de 1980**

por Antonieta Barona

Pág. 18



EDITORIAL

Uma revista a 2023!

O ano de 2023 começou estranho, em Portugal o delfim socialista Pedro Nuno Santos é demitido do governo, ao passo que no Brasil, um bando de lunáticos assalta os três poderes em Brasília, num espetáculo deprimente copiado do assalto ao capitólio por parte dos doidos que apoiam Donald Trump.

Segundo o Children of War morreram este ano na Ucrânia: 512 crianças e 2286 estão desaparecidas, contagem que devia envergonhar Vladimir Putin. A guerra bateu à porta do mundo noutra geografia. O grupo terrorista Hamas atacou Israel e raptou cerca de 200 pessoas. O que se seguiu foi a morte indiscriminada de inocentes. Prova que a erradicação do terrorismo deve ser uma prioridade.

Os serviços públicos atingiram os níveis de qualidade mais baixos da história, em especial o SNS e o Ensino. O governo do PS contou com 13 demissões, a começar em Pedro Nuno Santos e a acabar no Primeiro-ministro António Costa. Pelo meio o país, foi como que uma “Revista à portuguesa”, onde a escandaleira foi o lugar-comum da nossa vida coletiva.

Nota positiva para a visita do Papa Francisco e do seu testemunho.

A JSD deu início a este projeto: A “Democrata”. O ano de 2024 vai ser sucessor do ano de 2023 nos desafios diários, e vamos contar com esta revista para continuar a ser uma voz do centro-direita moderado e ocidental!

Que 2024 seja o ano em que o PSD ganha as eleições legislativas e que Luis Montenegro seja Primeiro-ministro para o bem de todos! Eu acredito!

Boas festas! Até para o ano!

LUÍS NUNES DOS SANTOS
DIRETOR

FICHA TÉCNICA

Proprietário: PSD | Partido Social Democrata NIF: 500835012

Registo na ERC: n.º127932

Editor: JSD | Juventude Social Democrata NIF: 500835012

Rua Ricardo Espírito Santo 1, R/C Dto., 1200-790 Lisboa – jsd@jsd.pt – www.jsd.pt

Director: Luís Nunes dos Santos

Redação: Rua Ricardo Espírito Santo 1, R/C Dto., 1200-790 Lisboa

Impressão: GRAFISOL – Artes Gráficas – Rua das Maçarocas

Abrunheira Business Center n.º 03 – Abrunheira – 2710-056 Sintra

Periodicidade: Mensal

Tiragem: 100

Todos os direitos reservados. Interditada a reprodução, mesmo que parcial de textos, fotografias ou ilustrações sob quaisquer meios e para quaisquer fins, designadamente comerciais.

A DEMOCRATA

ÍNDICE

MOULES AVEC FRITES
Pág. 4

BIFES À SÃO BENTO
Pág. 5

CÂMARA ALTA
Pág. 6

SÃO CAETANO ÀS LAPAS
Pág. 8

DO PONTAL ATÉ À LAPA: CRÍTICA CULTURAL
Pág. 10

DIGA LÁ SUA EXCELÊNCIA
Pág. 12

LARANJA MECÂNICA
Pág. 18

JSD LOOK & FEED
Pág. 22

AGENDA
Pág. 23

ENSAIAR O FUTURO
Pág. 24

RETRATO DE UM PROUST ENQUANTO JOVEM
Pág. 28

FAZER A DIFERENÇA
Pág. 29

LOJA JOTA
Pág. 30

SOBE E DESCE



ABEL FERREIRA

JOÃO COSTA

FICOU PARA A HISTÓRIA

“Apoio a solução de dois estados nacionais, um Estado Judeu, Israel, e um estado árabe, a Palestina. Os palestinos são os nossos vizinhos mais próximos. Acredito que um dia serão os nossos melhores amigos.”

Shimon Peres
Ex-Primeiro-Ministro Israelita



Alexandre Poço
Presidente da JSD

2023: O FIM CAÓTICO DE UM CICLO DE 8 ANOS

2023 está a acabar. Acabam também (com estrondo e em caos) os Governos de António Costa. Quem ouvisse Costa em 2014 quando desocupou António José Seguro do Largo do Rato ou antes das Eleições de 2015, esperaria que a sua eventual experiência governativa fosse transformar o país. Eram os tempos da célebre “Agenda para a Década”.

Ao fim de quase uma década, o país não viveu substancial transformação, foram escassas as reformas, os serviços públicos estão de rastos, os indicadores de pobreza continuam dramáticos, nunca foi tão difícil arrendar ou comprar casa e a carga fiscal é a maior de sempre. Foram os anos do “habituem-se”. Foram 8 anos de paragem. António Costa não deixará saudades desta longa passagem pelo cargo de Primeiro-Ministro.

Cai agora o pano a um Governo que, durante 8 anos, existiu apenas para se preservar no poder, sem vontade reformista. Em 2024, temos a oportunidade para mudar de rumo. Precisamos de um grande conjunto de reformas e mudanças estruturais para um país mais próspero, desenvolvido e justo. Nós, na JSD, cá estaremos para fortalecer a alternativa política. Não falharemos.

Boas Festas e um Feliz 2024!



MOULES AVEC FRITES

Duarte Marques



BIFES À SÃO BENTO

Afonso Oliveira



UE VÍTIMA DA FALTA DE 'HUEVOS' NÃO DE 'MOULES'

Já passaram quase 20 anos desde o referendo francês de 2005 ao Tratado Constitucional. Durante essa campanha o então Presidente da Comissão Europeia, Durão Barroso, teve a coragem de em plena Assembleia Nacional Francesa dizer na cara do senhor Chirac (então Presidente francês) e do então Primeiro-Ministro Raffarin que "os políticos franceses não podem passar a vida a culpar a UE por todos os seus fracassos e depois virem pedir aos franceses que votem a favor do projecto europeu". Este discurso colocou a nu a habitual cobardia de tantos políticos nacionais cuja estratégia passa por "bruxelizar" o que é mau e nacionalizar o que é bom. Ou seja, quando corre mal a culpa é de Bruxelas, quando são coisas boas como financiamento, fundos e solidariedade europeia então já é mérito dos nacionais mesmo que não tenham nada a ver com isso.

Ora, isto tem sido sempre assim salvo raras exceções como a Sra. Merkel, Passos Coelho, alguns nórdicos e pouco mais. Raramente o projeto europeu tem tido líderes corajosos que coloquem o interesse comum europeu acima das suas próximas eleições ou das próximas sondagens. Por vezes dava jeito ter uns hologramas dos "founding fathers" para despertar consciências durante as Cimeiras de Chefes de Estado e de Governo Europeus.

Ora, se uns pecam por defeito, outros pecam por excesso. O voluntarismo excessivo que temos verificado na atuação própria Presidente da Comissão Europeia, que teve uma fase inicial de afirmação absolutamente genial, resulta da falta de presença do Presidente do conselho, da falta de iniciativa das Presidências e provavelmente de iniciativas da UE. Fica demasiadas vezes a sensação que Van der Leyen recorre à sua presença para disfarçar a falta de ideias ou projetos aprovados. Esta leitura poderá até ser injusta mas só isso justifica tanta busca por holofote ou tantas

iniciativas pouco ponderadas como a recente deslocação a Israel ou o exagero de presenças em Kiev.

Mas se todos os problemas europeus fossem a Presidente da Comissão, então o futuro estava assegurado. Van der Leyen é do melhor que Bruxelas tem e o seu esforço tem permitido animar de alguma forma o futuro do projeto europeu. O que realmente me preocupa é a cada vez maior falta de qualidade dos líderes dos diferentes países que se sentam no Conselho e dos Ministros que os representam sectorialmente. Se durante anos se acusou a burocracia europeia de ser um entrave ao desenvolvimento das políticas, hoje podemos assegurar que são esses "burocratas" que garantem a qualidade mínima dos avanços e das reformas.

Depois da construção dos pilares fundacionais da UE é hoje essencial desenvolver políticas que digam diretamente respeito ao dia a dia dos cidadãos. Não significa isto que a UE substitua os Estados Membros, mas que procure sim caminhos e oportunidades, como é o exemplo do fim do roaming, que facilitem a vida aos cidadãos.

Numa altura em que a tecnologia está a mudar as nossas vidas importa que a UE esteja na vanguarda do seu desenvolvimento e da sua utilização. Saúdo por isso a tentativa de legislar sobre a utilização de inteligência artificial. Mas cuidado, tudo o que é regulação em excesso prejudica. Talvez fosse mais útil, sobretudo numa época em que tanto se fala de soberania energética, refletir sobre a soberania dos dados europeus. Neste momento as três maiores empresas que fornecem cloud são americanas. Não há uma europeia nas primeiras dez. Os dados são a energia do presente e a UE precisa de uma resposta conjunta a esta desafio. Tal como nos medicamentos durante o Covid, não podemos estar dependentes da China ou dos EUA numa altura como esta.

ÉTICA E POLÍTICA. POLÍTICA COM ÉTICA.

Não é pouco comum a utilização do termo ética no discurso público, mas proponho aqui que consideremos o que significa este conceito na vida política, o que significa colocar a ética em prática.

Ética como pensada por Sócrates (o filósofo grego, não o seu homónimo ex-primeiro ministro português) designava a conformidade do homem consigo mesmo. Isto significa, de forma simplificada, concordar consigo próprio, não agir com o outro de forma que não permitiríamos que agissem connosco.

Penso a ação política indissociável da ética, que define um conjunto de princípios e valores que balizam as decisões ao longo da vida. É uma escolha sobre o que podemos ou não podemos fazer. Podemos ter uma atitude e um comportamento ético nas diferentes dimensões da nossa vida ou pelo contrário, podemos optar por uma vida sem qualquer crivo ético.

Cada um de nós assume as suas responsabilidades perante a sociedade nomeadamente na forma como cumpre os seus deveres perante as leis do país ou como age no contexto social perante outros cidadãos.

Na verdade, o nível de exigência ética sobe exponencialmente, quando estamos perante cidadãos que são eleitos para cargos políticos, quer ao nível do poder local, na administração pública ou no Governo do país.

Alguém que age em nome do povo e em representação do povo, tem de ter uma absoluta consciência do escrutínio a que está sujeito, da obrigação em prestar contas aos cidadãos e responder perante a justiça quando não cumpre as leis do país, agindo sempre segundo inabaláveis princípios éticos.

No triste cenário em que nos encontramos, é imperdoável a

incapacidade do Partido Socialista em cumprir a obrigação de governar o país suportado por uma maioria absoluta. Assistimos assim, a uma perigosa aceleração da degradação da qualidade da democracia. O PS não tem perdão.

Quero, aqui e agora, afirmar que o princípio da presunção de inocência é basilar num estado de direito democrático e aplica-se sobre todos os cidadãos e em qualquer circunstância.

Não discutindo as situações em investigação criminal a elementos do núcleo duro do primeiro-ministro demissionário, o que aqui também está em causa em toda esta deplorável situação, são comportamentos eticamente condenáveis e inaceitáveis para quem exerce funções ao mais alto nível do Estado.

A violação de princípios éticos na ação política (mesmo antes de falarmos em eventuais crimes de corrupção) cria condições para a degradação das instituições democráticas e potencia o surgimento de ofertas políticas que anunciam soluções milagrosas para salvar a democracia.

Não é, pois, aceitável que os atores políticos não incorporem um código ético básico como suporte de vida em decisões ou ações enquanto representantes dos cidadãos.

Estão marcadas para dia 10 de março as eleições legislativas. Portugal e os portugueses merecem um novo governo e uma nova forma de governar o país, com ambição, com visão estratégica e assente no verdadeiro sentido de serviço público.

É a hora de nos apresentarmos aos portugueses como única alternativa para um novo Governo de Portugal.

Um programa e uma prática política onde a ética esteja no centro da ação política sem nunca vacilar.

E é assim que teremos a confiança maioritária dos portugueses.

CÂMARA ALTA

É LIBERAL E NÃO SABIAS

Por João Cotrim de Figueiredo

Poder a mais e concorrência a menos são fatores de erosão da liberdade individual.

O Alexandre Poço ousou convidar-me a escrever para a Democrata. Eu aceitei na hora. Ele não sabe no que se meteu.

Convidar um liberal a escrever, seja sobre o que for, é correr o risco de esse liberal acabar a escrever sobre liberalismo. Não necessariamente para convencer alguém, mas porque achamos que o liberalismo é mais do que uma ideologia: é uma tradição de pensamento que pervade os interstícios das nossas reflexões e determina, a priori, as nossas disposições.

Acreditar que o indivíduo só se realiza quando é livre para se autodeterminar, por exemplo, tem várias implicações. A primeira é a de que só nas sociedades em que a soberania política reside no indivíduo é que existem condições para a realização – sinónimo de felicidade, se preferirem – de todos e de cada um. A segunda implicação é ainda mais importante: a autodeterminação, entendida como a busca do próprio caminho para a tal felicidade (“pursuit of happiness”), pressupõe a existência de liberdade individual. Eis o credo liberal condensado num parágrafo.

Mesmo acreditando na máxima de que “Não há mais prático do que uma boa teoria” penso que já baste da dita teoria. Aos jovens sociais-democratas que lêem estas linhas, interessará mais perceber quais as consequências destas convicções para a ação política concreta. Vamos então a isso e deixem-me ser o mais frontal que é possível.

Um liberal opõe-se às perspetivas coletivistas dos problemas, porque isso ofende a sua crença no primado do indivíduo. Opõe-se, por isso, sistematicamente às políticas estatizantes, às políticas identitárias e às discriminações grupais.

Um liberal tem, por motivos idênticos, uma desconfiança natural da concentração de poderes, desde logo no Estado, mas também na sociedade, na política e na economia. Poder a mais e concorrência a menos são fatores de erosão da liberdade individual.

Um liberal acredita na utilidade de uma rede social de segurança. Ainda mais claro, acreditamos na existência do estado social para que cada um, mesmo o mais vulnerável,

possa ter a possibilidade de fazer uso da sua liberdade.

Um liberal acredita que cada um é responsável pelo uso que faz da sua liberdade e tem, por isso, o direito ao fruto do seu trabalho ou da sua imaginação e o dever de responder pelas consequências das suas escolhas.

Um liberal tem uma aversão instintiva aos verbos proibir e obrigar. Acreditamos que os comportamentos são respostas aos estímulos e é sobre os estímulos que devemos atuar na busca do bem comum. Nem sempre é possível, mas é sempre desejável.

Por fim, uma distinção importante. Não se deve confundir o primado do indivíduo com individualismo. Recordo que Adam Smith escreveu a sua “Teoria dos Sentimentos Morais”, em que elaborou sobre a inescapável natureza social do indivíduo, 17 anos antes de publicar “A Riqueza das Nações” em que postulou a existência da mão invisível, uma metáfora sobre os efeitos positivos da defesa do interesse próprio de cada um.

A Iniciativa Liberal aparece na cena política portuguesa há seis anos porque (já) não havia quem defendesse estes princípios de forma consistente e em todos os domínios da vida humana: o político, o económico e o social. Os partidos mais antigos, incluindo o PSD, deixaram diluir as suas referências ideológicas em nome de pragmatismos ou eleitoralismos de circunstância e, com isso, perderam o seu ímpeto reformista.

Neste momento da vida política, é fundamental construir consensos ente partidos que se inspirem nos valores liberais e que possam dar não só um novo governo, mas também um novo rumo para Portugal. Para isso, é importante reconhecer a atração que os portugueses sentem por quem lhes proponha as reformas que materializem uma visão inspiradora de um país onde possam ser mais livres e mais felizes. E, por isso, há tantos que concordam quando, em jeito de provocação retórica, lhes dizemos “És liberal e não sabias”.

Obrigado por me deixarem desassossegar-vos na vossa própria casa. Eu avisei, Alexandre.

SÃO CAETANO ÀS LAPAS

NOVOS TEMPOS, NOVOS DESAFIOS

Teresa Patrício Gouveia

1994, Dresden. Conferência de Ministros do Ambiente durante a presidência alemã. Passavam apenas 4 anos da reunificação. O nosso colega Klaus Töpfer, (a quem Angela Merkel sucedeu no cargo) levou-nos de helicóptero a um campo, no meio de nada, após termos sobrevoado ruínas gigantescas de edifícios fabris abandonados e um extenso “lago” de uma matéria negra e viscosa, resíduos de unidades industriais da RDA -República designada Democrática Alemã.

Aí, o grupo de colegas, após um estrondo surdo, viu, estupefacto, a paisagem afundar-se em bloco - um campo arborizado de cerca de 100x100 m. Nem as copas das árvores ficaram visíveis. Foi um momento espetacular, mas sobretudo de enorme carga simbólica. O colapso a que assistimos, (uma operação de despoluição subterrânea cuja tecnologia não recordo e de cuja bondade duvido) vi-o como o colapso de um sistema político falhado e insalubre.

A Alemanha geria a integração das duas metades que em quase tudo haviam divergido: no sistema político, económico e cultural.

As marcas dessa distância eram físicas: se Dresden, embora com vestígios visíveis da sua destruição durante a II Guerra Mundial, fora sendo em parte reconstruída no seu património, já o cenário de total desolação ambiental que observámos durante o trajecto aéreo, resultante de modelos industriais obsoletos, era evidente.

Com efeito, os Estados onde o escrutínio público é inexistente, tendem a ignorar direitos fundamentais – neste caso os direitos ambientais - em nome de uma presumida eficácia, de resultados de curto prazo.

Hoje, 30 anos depois, a Alemanha, a maior economia europeia, debate-se com novos desafios quanto à reconversão do seu modelo económico assente numa indústria menos competitiva no actual quadro geopolítico; a Europa, ela também, está a braços com a necessária transição energética e a adaptação à crise climática.

Curiosamente, passam agora também 30 anos sobre o reatar com Espanha das negociações sobre partilha de água que há décadas haviam sido abandonadas e que tive oportunidade de retomar com o meu então colega e companheiro de viagem a Dresden, Josep Borrell; mas sobretudo 30 anos de uma reforma que em Portugal reconverteu profundamente um sector de relevância social e ambiental: o sector das utilities -abastecimento de água e tratamento de resíduos até aí vedado à iniciativa privada- criando um sistema empresarial que ainda hoje vigora serve a população de todo o país com ganhos sociais e ambientais assinaláveis.

Estas reformas de longo prazo têm quase sempre custos, enfrentam interesses instalados e exigem, em sociedades democráticas, uma pedagogia pública que impeça a sua instrumentalização política por forças retrógradas ou que se movem por objectivos de curto prazo ou de conservação do poder.



Aldous Huxley

Aldous Leonard Huxley foi um escritor inglês, conhecido pelos seus romances e diversos ensaios. Huxley também editou a revista Oxford Poetry e publicou contos, poesias, literatura de viagem e guiões de filmes. No final de sua vida, Huxley ficou conhecido como um dos principais intelectuais da sua época, sendo nomeado para o Prémio Nobel da Literatura sete vezes e eleito Companheiro de Literatura pela Royal Society of Literature em 1962.

DO PONTAL ATÉ À LAPA

CRÍTICA CULTURAL

Dizia Pessoa que feliz era o gato que brincava na rua. Seremos, de facto, mais felizes na ignorância? Sem pensamento crítico? E, ainda que a resposta seja afirmativa, será esse o mundo que queremos? Numa sociedade em que não se discute nem tão pouco se conceptualiza a saúde mental, a SOMA é a resposta para doses intensas – apesar de temporárias – de “felicidade”. No consumo elevadíssimo de

ansiolíticos na sociedade portuguesa podemos, infelizmente, encontrar algum paralelo. As pessoas sentem alegria, tristeza, entusiasmo, desespero. Na civilização do Admirável Mundo Novo ignorava-se a complexidade da realidade sensível e emocional do ser humano, como se esta não fosse o motor profundo de qualquer pessoa. No mundo real, no séc. XXI, este é um erro que não podemos

Admirável Mundo Novo

de Aldous Huxley, por Eva Brás Pinho



O Admirável Mundo Novo promove uma reflexão profunda e abstrata sobre o mundo e o seu destino. Apesar de publicada em 1932, as questões existenciais que esta distopia aborda não podiam ser mais atuais. Qual é o caminho para a felicidade? Como deve um Governo agir e decidir para assegurar a felicidade dos cidadãos que representa? Existe felicidade sem liberdade? Há liberdade sem transparência? Sem verdade?

cometer. A ação política deve — precisa de — partir de um lugar de amor ao outro. De um lugar de sensibilidade para com os problemas das pessoas e para o que estes as fazem sentir. Num mundo em que é fácil perdermo-nos nas estatísticas, no Excel e nas leis dos grandes números, acredito na força da sensibilidade e na atenção à pessoa individualmente considerada. Caso contrário, perderemos esse espaço para os que escolhem fazê-lo de forma maquiavélica e oportunista. Perderemos para os populistas que cavalam nas emoções mais negras e impulsivas: o egoísmo, a desconfiança, o desespero e o medo. Por outro lado, nesta distopia, a sociedade estratifica-se em castas, onde os Centros de Condicionamento do Estado garantem que todos acreditam ser felizes cumprindo na sociedade a função que lhes foi previamente atribuída. Assim, enquanto os Alfas são “formidavelmente inteligentes” — e lideram executando as tarefas intelectualmente mais exigentes —, os Gamas “são patetas” e os Epsilões são “tão estúpidos que nem sabem ler nem escrever”, executando trabalhos mecânicos nas fábricas e nos campos. Num mundo cada vez mais polarizado em que se acentua o sentimento de alterização do outro, as elites tentam fechar-se sobre si. O salário mínimo quase abraça o salário médio, as desigualdades no acesso à educação e formação perpetuam-se, e o ensino superior já não garante bons salários ou tão pouco acesso a um elevador social eficaz. A nossa missão precisa de ser garantir que quem nasce com menos não acredita “ser feito” ou estar vaticinado a menos. Nesta obra, o comportamento é condicionado pela opera-

tividade de um sistema tecnológico de inteligência artificial altamente sofisticado. Situação não muito distante da indústria dos designer babies ou até da manipulação de acesso à informação produzida pelos algoritmos. Pese embora tenhamos um admirável mundo novo por aproveitar devido aos avanços tecnológicos, sejamos sempre capazes de colocar freio ao que nos desumaniza. Se a clonagem abriu portas ao direito à identidade genética, muitos (e prioritários) serão os desafios que a inteligência artificial trará ao debate político e legislativo. No Brave New World de Huxley, os dirigentes eram tudo menos corajosos. Receosos do pensamento crítico promoviam a Engenharia Emocional restringindo o acesso à informação, matando a cultura, a ciência, a produção de pensamento que não a definida pelos líderes. Receosos da natureza humana, condicionavam os sentimentos e emoções transformando pessoas em robôs. Receosos da importância do amor e dos laços familiares, proibem a existência de família e gestação natural. As várias perguntas que levantei jamais poderiam ser respondidas em mero artigo, pelo que as deixo para reflexão, convicta de que a missão de qualquer político deve ser a assegurar a felicidade dos seus constituintes. O início e fim da ação política reside sempre na pessoa. No todo e na parte. Com coragem e com coração. Sem atalhos ou escolhendo caminhos fáceis. Baseada na verdade da vida das pessoas, e nunca na vida que lhes queiramos impor. Estejamos pouco atentos, e caminharemos para o pesadelo do (nada) Admirável Mundo Novo.



“O QUE MAIS FARÁ FALTA A PORTUGAL É UMA ESTRATÉGIA, UM DESÍGNIO, PARA QUE TODOS APLIQUEMOS A NOSSA COMPETÊNCIA E ENERGIA NESSE ESFORÇO COLETIVO”

DIGA LÁ SUA EXCELÊNCIA

ENTREVISTA

MIGUEL PINTO LUZ

Nos últimos anos, tens procurado afirmar a tua ação política em Cascais e no país com base no foco na inovação e no futuro. É o que mais falta a Portugal para sair da cepa torta?

Há, infelizmente, muita coisa que faz falta a Portugal. Mas pegando no paralelismo, em Cascais temos uma estratégia, bem definida, dizemos que queremos ser “o melhor sítio para viver um dia, uma semana ou a vida toda”. E é este o nosso foco, a qualidade de vida. A inovação e a tecnologia são nos dias hoje ferramentas imprescindíveis para se alcançar o sucesso e claro, em Cascais não abdicamos dela. Em suma, o que mais fará falta a Portugal é uma estratégia, um desígnio, para que todos apliquemos a nossa competência e energia nesse esforço coletivo.

Quais são as coisas que mais te orgulho dão do trabalho enquanto autarca em Cascais?

Não é uma pergunta fácil, há muitas projectos que me dão orgulho. Mas vou focar-me somente em 3: O Campus da NOVA SBE em Carcavelos, criou uma nova centralidade no município, mas também revolucionou o ensino superior. Construído sem fundos do Estado central, é um campus de excelência, que atrai alunos de todo o mundo. Quem pensou que Portugal pudesse ser exportador de ensino superior. Na Nova SBE conseguimos isso. O trabalho que fazemos com as instituições de apoio à deficiência. Uma área que me diz muito. Um exemplo: Muitas das flores que veem pelos jardins de Cascais, vêm da CERCICA, um exemplo simples de como numa comunidade forte todos temos lugar e todos somos mais.

E os transportes públicos gratuitos. Não há liberdade e justiça social sem mobilidade. Mas podia dar mais exemplos, na saúde, na educação, no ambiente ou em tantas outras áreas.

O que é que o país pode retirar da experiência e dos resultados de Cascais, que se tem vindo a posicionar como um dos melhores sítios para viver em Portugal?

Em três palavras: Estratégia, foco e trabalho.

O que faz falta para que Portugal seja o país que prometeu nos anos 80 e 90?

Falta sermos efetivos, largamos dogmas ideológicos e voltamos a usar o pragmatismo como filosofia. Soares e Cavaco foram adversários políticos durante muitos anos, com uma convivência até publicamente difícil, mas ambos tinham o desígnio da Europa e do progresso e nunca disso abdicaram. Era um país inteiro a trabalhar para o futuro.

Hoje as derivações ideológicas não permitem um acordo para o próximo mês. O caso da TAP é paradigmático, o Governo do Partido Socialista, reverteu a privatização injectou na companhia mais de 3 mil milhões de euros de dinheiro dos nossos impostos, para agora dizer que vai nacionalizar.

É impossível ter sucesso sem rumo, e infelizmente temos andado demasiado tempo à deriva.

Em 2020, foste candidato à liderança do PSD numa eleição em que também esteve Luís Montenegro como candidato. Ao fim de um ano e meio como Vice-Presidente de Montenegro, qual a avaliação que fazes do atual líder do PSD?

A avaliação que faço é muito boa, estamos a fazer um trabalho sério. Com o país sempre em primeiro plano, apresentamos muitas propostas, apontamos caminhos, criticamos e até ajudamos o Governo em matérias estruturais como o aeroporto. Fazemos o que uma verdadeira alternativa tem de fazer e tenho a certeza que os portugueses vão reconhecer isto.

Referiste a minha candidatura de 2020, nessa campanha falei muito de futuro, de ambição e de acreditar e estas são marcas claríssimas do PSD no mandato do Luís Montenegro. Não podia estar mais confortável com o nosso líder.

Ao fim de 8 anos, 3 palavras para definir o legado de António Costa?

Trapalhada. Inércia. Desesperança.

Achas que um mau ministro pode dar um bom Primeiro-ministro?

O princípio de Peter diz que não. A teoria da evolução de Darwin, também diz que a sobrevivência é do mais apto. Só mesmo num partido virado ao contrário é que alguém que se demite por ter sido apanhado a mentir declaradamente aos portugueses, como Pedro Nuno Santos fez no caso da indemnização a Alexandra Reis, pode ser solução para candidato a Primeiro-ministro.

O país vive vários dramas em simultâneo: caos na saúde, uma guerra na educação com os resultados que se conhecem para os alunos, nunca foi tão difícil comprar ou arrendar casa e continuamos com salários baixos, os impostos estão em níveis máximos. Qual a área governativa que ficou em pior estado com os 8 anos do governo PS?

Quem ficou em pior estado com a governação Socialista foram os portugueses. Sejam mais jovens ou menos jovens. António Costa não tem qualquer obra para apresentar, mas tem uma marca: a da degradação do Estado Social Português.

Entretanto, com a queda do Governo PS, vamos para eleições no próximo dia 10 de março. Qual o nível de preparação do PSD para estas eleições antecipadas?

O PSD é um partido de Governo tem de estar sempre pronto para governar. E nesta altura não é diferente. Fomos sempre pacientes e respeitadores da democracia. Mas o PS desbaratou esse legado em trapalhadas e em inação. Este é o tempo de o PSD devolver a esperança aos portugueses, de recuperar o país e de o projetar para o futuro.

Na tua opinião, quais devem ser as principais prioridades da campanha eleitoral do PSD e de Luís Montenegro?

Luís Montenegro e também todos nós temos de devolver a esperança e a ambição aos portugueses. Fazê-los voltar a Acreditar na política, no país e no futuro.





O PSD tem soluções para a saúde, para a educação, para a habitação e para as outras áreas críticas nacionais. Quando as apresentarmos aos Portugueses tenho a certeza que eles as entenderão e as acolherão.

O PSD está condenado a ter de fazer alianças ou conseguirá governar sozinho?

O PSD está obrigado a respeitar a vontade dos portugueses expressa no voto. São os portugueses que decidirão as condições com que querem o PSD a Governar. Nós cumprimos com essa decisão, trabalhando sempre em prol do país e das pessoas.

Lembre-mo-nos que as duas maiorias absolutas de Cavaco Silva nasceram de um governo minoritário, que com trabalho e competência ganhou total confiança dos portugueses. Não devemos nunca temer a democracia.

É possível empreender um programa ambicioso de reformas num contexto desses?

Se não for para melhorar a vida dos portugueses nem vale a pena irmos para o Governo. O PSD é por natureza um partido reformista e isso não se altera por força do contexto ou das dificuldades. O país precisa de futuro e é isso que o PSD lhe vai dar.

Qual a primeira medida que um Governo PSD deve tomar?

A decisão do Aeroporto. Não que seja a mais importante para o dia a dia das pessoas. Mas é um sinal importante. E a política também vive de sinais. É paradigmático da nossa vontade se num dia resolvermos um assunto com 50 anos de atraso.

MIGUEL PINTO LUZ

VICE-PRESIDENTE DO PSD E VICE-PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE CASCAIS

// O PAÍS PERDEU MUITO NAQUELE DIA 4 DE DEZEMBRO DE 1980!

por Antonieta Barona

Militante Histórica do PSD

LARANJA MECÂNICA

Jantar com o Dr. Sá Carneiro
em Évora no dia 1 de dezembro de 1980





**"SABÍAMOS QUE
TODA A ESQUERDA
SE IRIA UNIR, COMO
FAZEM AGORA"**

Estávamos em plena campanha Presidencial do General Soares Carneiro. Em função disso realizou-se um comício no Palácio de Dom Manuel em Évora com centenas de militantes. Nesse comício estava o General Soares Carneiro e o seu staff, acompanhado do líder e fundador do PPD/PSD, o Dr. Francisco Sá Carneiro! O Comício foi já perto da hora de jantar!

O Dr. Sertório Barona, que naquele tempo tinha o cargo de Presidente da Comissão Política Distrital do PSD de Évora, agendou com a Conceição Monteiro, secretária do Dr. Francisco Sá Carneiro, um jantar mais privado em sua casa após o comício, para falar sobre a situação política que se vivia naquele início de dezembro de pré-eleições e assim aconteceu. Acompanhavam o Dr. Francisco Sá Carneiro, a Snu, a Conceição Monteiro e o João Salgado.

A organização do jantar foi feita apenas com a prata da casa. Isto é, eu própria, mulher do Dr. Sertório Barona, as minhas filhas, a sogra e as senhoras que prestavam serviço na sua casa na altura. De tal modo que a senhora que confeccionou o jantar, esperou por ele à porta da cozinha para o cumprimentar. Todas as pessoas que trabalhavam em casa do Sertório, só foram avisadas após o almoço que tínhamos um jantar para 40 pessoas com o Dr. Francisco Sá Carneiro. Tudo foi feito com alguma descrição.

Foram convidados para o referido jantar, todos os membros da CPD do PSD, a Governadora Civil Mariana Perdigão, o Dr. Armando Cunha e a esposa, o Dr. Henrique Granadeiro, ao tempo Embaixador na OCDE, e mais algumas pessoas do círculo de amigos do Dr. Sertório. Ao todo estiveram presentes à volta de 40 pessoas.

Nesse período, em Évora, ainda havia alguns constrangimentos de segurança, em virtude das alterações feitas nas leis para alterar, de algum modo, as ocupações do património rural, feitas pelo PCP e afins e o ambiente geral do País e da nossa Região ainda era muito tenso.

Por isso mesmo foi informada a GNR de que o Primeiro-Ministro, Dr. Francisco Sá Carneiro viria jantar a casa do Dr. Sertório Barona e foi-lhe solicitado que não houvesse estacionamento de automóveis perto de casa. O que aconteceu!

O Dr. Francisco Sá Carneiro apesar de estar preocupado como a campanha estava a decorrer, esteve sempre muito bem-disposto falando com todas as pessoas, ouvindo-as e tomando nota das preocupações e anseios de cada um que o interpelou.

A certa altura a Conceição Monteiro falou telefonicamente com o Professor Freitas do Amaral, tendo este pedido para falar com o Dr. Sá Carneiro. Esta conversa traçou-lhe o destino.

Após o telefonema informou os que estavam mais perto de si que havia algumas alterações no programa da Campanha e, como tal, já não iria a Setúbal, onde estava a Helena Roseta à espera, mas sim ao Porto, onde estava Francisco Balsemão, para fazer o fecho da campanha Presidencial no dia 4, num grande comício.

Após esse telefonema ainda esteve a falar das preocupações inerentes com a campanha, esta conversa já foi entre os que o acompanhavam, e o Presidente da Distrital, Sertório Barona. Estávamos todos preocupados porque o Dr. Francisco Sá Carneiro tinha afirmado que sairia de primeiro-ministro se o General Soares Carneiro não vencesse as eleições.

Como tal já saiu para Lisboa muito depois da uma da manhã. Segundo a Conceição Monteiro disse foi uma viagem feita com grande rapidez.

Na despedida, convidei a Dr. Francisco Sá Carneiro para vir jantar mais uma vez a nossa casa se houvesse segunda volta nas eleições Presidenciais. Não sabia no momento, mas era a última vez que via aquele homem providencial, talentoso e com tanto para dar a Portugal e aos Portugueses. Infelizmente o segundo jantar nunca aconteceu, o General Soares Carneiro perdeu logo na 1ª volta com cerca de 40% dos votos e o Dr. Francisco Sá Carneiro não chegaria a ver este resultado eleitoral.

Recordo que o ambiente que se vivia era de grande preocupação dentro do PPD/PSD e nos diferentes apoiantes da candidatura, sabíamos que toda a esquerda se iria unir, como fazem agora, para derrotarem o nosso candidato. Como aconteceu, Ramalho Eanes foi apoiado por toda a esquerda, desde a moderada à radical, com a exceção da FUP de Otelo Saraiva de Carvalho.

Tivemos depois, dias depois o acidente em que vitimou Sá Carneiro, que na verdade não foi acidente, foi um assassinato.

Lembro-me que nas hostes comunistas e afins houve grande alegria com esta ocorrência! Houve sítios onde foram lançados foguetes e comeram borrego assado!

Para todos nós nessa época foi um choque e um desgosto enorme. O país perdeu muito naquele dia 4 de dezembro de 1980!

JSD LOOK & FEED



O QUE SE PASSA NAS NOSSAS REDES

Fica a conhecer quais os conteúdos que tiverem mais buzz este mês!



Acompanhe as nossas redes



AGENDA

É TEMPO DE ACREDITAR

A nossa agenda para os próximos tempos:
Vencer as Eleições Legislativas de 10 de março
e virar a página com um Novo Governo para
Portugal após 8 anos desastrosos de António Costa.

A JSD não faltará à chamada!



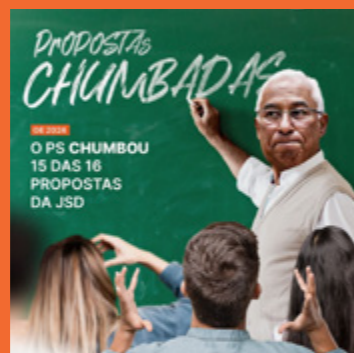
891

O post com mais interações de novembro

TOP 5 Conteúdos do mês



697



522



509



367



ENSAIAR O FUTURO

O FUTURO DA POLÍTICA

Por Miguel Poiares Maduro

Vários estudos de opinião identificam um significativo aumento da insatisfação com a democracia. Embora esta continue a ser o regime político preferido pelos cidadãos a sua satisfação com ele tem diminuído. Em paralelo, vários estudos internacionais identificam uma perda de qualidade em muitas democracias (incluindo a portuguesa).

A crescente insatisfação com a democracia está, provavelmente, relacionada com a diminuição do que tem assegurado a legitimidade desse regime. Por um lado, a forte correlação tradicionalmente existente entre democracia e desenvolvimento económico e social tem sido colocada em causa, quer pelo forte desenvolvimento ocorrido em regimes autoritários como o chinês, quer pela enorme estagnação económica a que se assiste nalgumas democracias (sendo que Portugal é de novo, e infelizmente, um desses exemplos). Por outro lado, a democracia tem também perdido a sua relação de representatividade com o povo. Existe uma crescente desconfiança dos cidadãos face à classe política que, muitas vezes, é vista como já não representando os interesses do povo.

É isto que explica, em boa medida, o sucesso do populismo que assenta a sua retórica política na percepção de que a classe política constitui uma elite que governa em nome do povo, mas já não para o povo, mas sim para os seus próprios interesses. Esta retórica conquista por várias razões. Primeiro, os escândalos de corrupção são tratados pelo sistema político como questões externas ao mesmo. O conceito de responsabilidade política tem-se esgotado na responsabilidade criminal. Se a política não consegue regular uma dimensão

própria de responsabilidade, para além da que compete à justiça, duas coisas sucedem: os cidadãos perdem confiança na classe política e a justiça é, indiretamente, chamada a intervir na política. Segundo, existe um crescente desalinhamento entre as preferências dos cidadãos e o sistema político, incluindo entre os partidos e as suas bases eleitorais. Isto explica a crescente fragmentação política, à medida que os cidadãos buscam uma maior identificação com partidos fora do espectro tradicional. Terceiro, os populistas exploram também a estagnação económica e social. Na prática, usam as duas primeiras razões para explicar e associar a terceira, colocando em causa o sistema político tradicional.

Esta crise está relacionada, no entanto, com uma transformação mais profunda da política nas suas dimensões espacial, temporal e de modo. Uma transformação que é fortemente exponenciada pela revolução digital.

A política tem lugar num espaço. Tradicionalmente, as comunidades políticas nacionais. Mas nem sempre foi assim. Durante muito tempo o espaço da política foi a cidade. Giorgio Buccellati (um famoso arqueólogo) identificou a origem da política com o aparecimento do espaço “urbano”, onde as pessoas partilhavam um território sem terem uma identidade (familiar ou tribal) pre-existente. Isto exigiu o desenvolvimento de regras e práticas políticas para resolver os conflitos sociais (e decidir como partilhar os recursos comuns) desse território. A política é assim consequência da necessidade de regular a interdependência humana. Acontece que depois de o Estado-nação ter sido durante muitos anos o espaço

“A CLASSE POLÍTICA RESPONDE MUITO MAIS AOS INTERESSES DE CURTO PRAZO DO QUE AOS DE LONGO PRAZO”

natural desinterdependência e da política, somos hoje muito interdependentes para além dos nossos Estados. Não temos, no entanto, espaços e formas políticas correspondentes a essa interdependência. A interdependência para além dos Estados cria necessidade de política para além dos Estados, mas esta não existe. Disturba os processos de funcionamento da política nacional, mas sem ainda oferecer uma alternativa.

Há uma assimetria entre o espaço da política (nacional) e o espaço das políticas públicas (em muitas dimensões transnacional). Isto cria problemas de responsabilização (políticos transferem responsabilidade políticas ou são responsabilizados por algo que não depende deles) e de representatividade (políticos não conseguem representar os cidadãos em aspetos onde estes têm essa expectativa).

Resolver esta assimetria não é fácil, no entanto. Por um lado, reduzir a nossa interdependência teria fortes custos económicos e sociais. Seria deitar fora o bebé com a água do banho. Por outro lado, construir espaços políticos correspondentes aos espaços de interdependência não se tem revelado fácil.

A política tem também uma forte dimensão temporal. Desde sempre que os ciclos políticos não correspondem aos ciclos económicos e isso dificulta (quando não desvirtua), mais uma vez, a responsabilização política. Acontece que a aceleração mediática e, hoje, digital, têm agravado de forma dramática esta assimetria entre ciclos políticos e económicos. Assistimos a uma enorme redução do tempo dos ciclos políticos com um escrutínio mais imediato, ruído mais permanente e maior instabilidade e fragmentação política. Mas também com um forte aumento do curto-termismo (como escreveu Daniel Innerarity). Isto corresponde até ao que podíamos designar de um défice democrático. A classe política responde muito mais aos interesses de curto prazo do que aos de longo prazo, na prática condicionando a liberdade democrática das gerações futuras. Isto é

ainda mais significativo com o envelhecimento da população e, correspondentemente, do eleitorado.

Por último, os modos da política têm mudado de forma significativa. Isto é visível no que tenho descrito como as dimensões cognitiva, epistémica e deliberativa da democracia. A dimensão cognitiva diz respeito à forma como formamos as nossas preferências políticas, a maior ou menor racionalidade do que preferimos por exemplo. A dimensão epistémica diz respeito a como definimos o que é falso e verdadeiro na política, a forma como estabelecemos os factos que informam as nossas decisões comuns. A dimensão deliberativa diz respeito a como discutimos entre nós e reconciliamos ou arbitramos as nossas diferentes preferências políticas.

Tudo isto têm mudado de forma dramática, em particular com a revolução digital.

O espaço digital muda a nossa forma de pensar e nos comportarmos e como nos relacionamos entre nós, alterando as formas de comunicação e discussão política, mas também como nós recebemos e tratamos a informação política. Não tenho espaço aqui para detalhar essas alterações. Limito-me a identificar quatro consequências: primeiro, a dimensão emocional prevalece cada vez mais na política face à dimensão racional; segundo, não apenas a desinformação tem aumentado como existe uma cada vez maior dificuldade em definir regras comuns sobre o que é falso ou verdadeiro; terceiro, tem-se acentuado a perda de relevância dos “intermediários políticos”, dos partidos aos jornalistas, passando por sindicatos e outras organizações; quarto, o discurso e posições políticas têm-se radicalizado e polarizado.

Isto coloca enormes desafios para a eficácia e ética da política e, sobretudo, para a reconciliação entre uma política eficaz e uma política ética. Mas esse tem de permanecer o nosso objetivo fundamental, pois sem ética a eficácia na política é um mal a combater.



RETRATO DE UM PROUST ENQUANTO JOVEM



Martim Arnaut Syder
Vice-Presidente da JSD

1) Almoçar todos os dias para o resto da vida com André Ventura ou com Mariana Mortágua?

Como atualmente está na moda, julgo que jejum intermitente é uma ótima solução.

2) Gostaria mais de ver regressar ao PSD Isaltino Morais ou Pedro Santana Lopes?

Sem dúvida, PSL. Quem me conhece sabe a enorme estima e consideração que tenho.

3) Qual o mal menor: Pedro Nuno Santos ou Fernando Medina?

Confesso que é uma escolha difícil. Seguindo o lema do Tiririca optaria pelo Fernando Medina.

4) Qual o melhor autarca do PSD na atualidade?

Carlos Moedas. O seu dinamismo demonstra que dia após dia, prestar e inovar são os lemas que segue.

5) Ser presidente do seu município em 2025 ou no próximo governo PSD ser Sub-Secretário de Estado sob tutela de um Vice-Ministro que por sua vez era tutelado por um Ministro-Adjunto?

Presidente do meu Município.

6) Se houvesse um referendo para mudar o nome da "Ponte 25 de Abril" e as duas únicas alternativas no boletim de voto fossem "Ponte Otelo Saraiva de Carvalho" e "Ponte António de Oliveira Salazar", em qual votaria?

Ponte António de Oliveira Salazar. A História não se apaga.

7) Belém 2026: um ex-presidente do PSD, um ex-primeiro-ministro PSD, ou ex-presidente de um partido com o qual o PSD já esteve coligado?

Ex Primeiro-Ministro do PSD.

8) Melhor e pior líder de sempre do PSD?

Melhor Pedro Passos Coelho, sem dúvida. Pior, nunca há maus líderes no PSD.

9) Melhor e pior líder de sempre da JSD?

Pior líder da JSD, não consigo classificar ainda deve estar para vir. Se me permitem julgo que o melhor é o Alexandre Poço.

10) Votou no seu presidente da secção do PSD?

Sim, claro. Sem dúvida uma grande escolha.

11) Se um governo PS o convidasse para ser presidente da TAP e fazer com ela o que quisesse aceitava?

Vindo do PS, quase nada é positivo. Seria certamente mais uma das suas armadilhas.

12) Três deputados do PSD na AR: um para almoçar para o resto da vida todos os dias, um para partilhar casa durante um ano e um para fazer um retiro espiritual durante um mês no Tibete. Justifique.

Optava por Joaquim Miranda Sarmento para almoçar todos os dias. No sentido de conseguir partilhar e expor a minha opinião com o nosso líder de bancada.

Escolhia o Alexandre Poço para partilhar casa, uma vez que é com quem tenho maior proximidade.

Para fazer um retiro espiritual convidaria Malo de Abreu. Acho que seria uma viagem interessante.

13) Olhe para o telemóvel: Qual a primeira pessoa do PSD que aparece na sua lista telefónica?

Ana Maria, vereadora da CM de Coimbra.

14) Olhe para o telemóvel: Qual foi a última pessoa do PSD com quem trocou uma mensagem no Whatsapp?

Paulo Leitão, presidente do PSD Distrital de Coimbra.

15) Momento Mourinho: Qual a sua cadeira de sonho no PSD?

Não é uma escolha fácil. Fazer parte de um conselho de ministros.

FAZER A DIFERENÇA

Proposta da JSD aprovada – Despesas de ginásio passam de 15% para 30% do IVA suportado na dedução do IRS

No âmbito do Orçamento do Estado para 2024, a JSD viu aprovada a sua proposta sobre atividade física e desporto ser. Graças à ação dos deputados da JSD, a dedução à coleta de IRS passa dos atuais 15% para os 30% do IVA suportado em atividades de ensino desportivo e recreativo (CAE 85510), atividades dos clubes desportivos (CAE 93120) e atividades de ginásio e fitness (CAE 93130). Com esta aprovação, estamos a promover e a facilitar o acesso à atividade física e à prática desportiva, indispensáveis para a prevenção de doenças e para o fomento de estilos de vida mais saudáveis.



PS chumba 15 das 16 propostas da JSD ao OE24

A maioria socialista chumbou, uma última vez, quase todas as propostas de alteração da JSD ao Orçamento do Estado para 2024. Entre as propostas chumbadas encontravam-se soluções concretas para o rendimento dos jovens, a habitação, o trabalho, a saúde mental, a educação, o alojamento estudantil, o ensino superior, a ciência, a cultura, o desporto, o ambiente, a natalidade e a agricultura. Estas bandeiras, erguidas através destas propostas, serão levadas a cabo e concretizadas por um novo Governo do PSD, logo após as eleições de 10 de março de 2024.

Governo socialista sem resposta para questões da JSD

A XV Legislatura termina sem a resposta do Governo a várias questões colocadas pelos deputados da JSD. Em abril de 2023, a JSD questionou por escrito a Ministra da Presidência, Mariana Vieira da Silva, sobre o número de jovens precários que estão a trabalhar no Estado, quer na administração pública, quer no setor empresarial do Estado. Sem qualquer resposta após 8 meses, o Governo continua a assobiar para o lado e a fechar os olhos à precariedade em que se encontram muitos jovens portugueses.





LOJAJ



A LOJA OFICIAL DA JSD JÁ ESTÁ ONLINE!

É verdade, todo o merchandising que estavas à procura já está disponível na nossa loja online. Mostra a tua verdadeira cor com fantásticos itens que podes comprar para ti ou para oferecer a pessoas muito especiais.



Saco de Linho #1



Saco de Linho #2

Mais produtos e mais novidades todos os meses!



Almofada de Praia



Caderno de Notas



Meias



A Democrata



Acede à nossa loja em www.lojajsd.pt

A DEMOCRATA

FAZ JUS AO SEU NOME.

É DE ABRIL, MAS É MUITO DE NOVEMBRO.

É PÚBLICO QUE É MAIS O INDEPENDENTE.

É UMA PEDRADA NO CHARCO.

USUFRUÍ DO ATREVIMENTO PRÓPRIO DA JUVENTUDE.

É QUENTE OU FRIA, NUNCA MORNA.

PREFERE SER POLÉMICA A SER CHATA.

PREFERE A INICIATIVA PRIVADA À PRIVAÇÃO
DE LIBERDADE ECONÓMICA.

É ATLANTISTA E EUROPEÍSTA. MAS NÃO É ESTÚPIDA.

DESPREZA MOSCOVO, MAS RESPEITA O POVO.

É PLURAL. DENTRO DO POSSÍVEL.

É UMA REVISTA. O AVANTE É UM MISSAL.

NÃO É A IRMÃ MAIS NOVA DO POVO LIVRE.

É PAGA PELO PARTIDO, MAS NÃO É VENDIDA AO PARTIDO.

FICA, AS LIDERANÇAS DA JOTA PASSAM.

É LARANJA QUE DÓI.

TEMOS PENA.